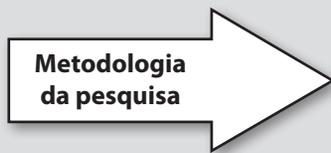




1

Definições dos enfoques quantitativo e qualitativo, suas semelhanças e diferenças



- Enfoque quantitativo
- Enfoque qualitativo
- Enfoque misto



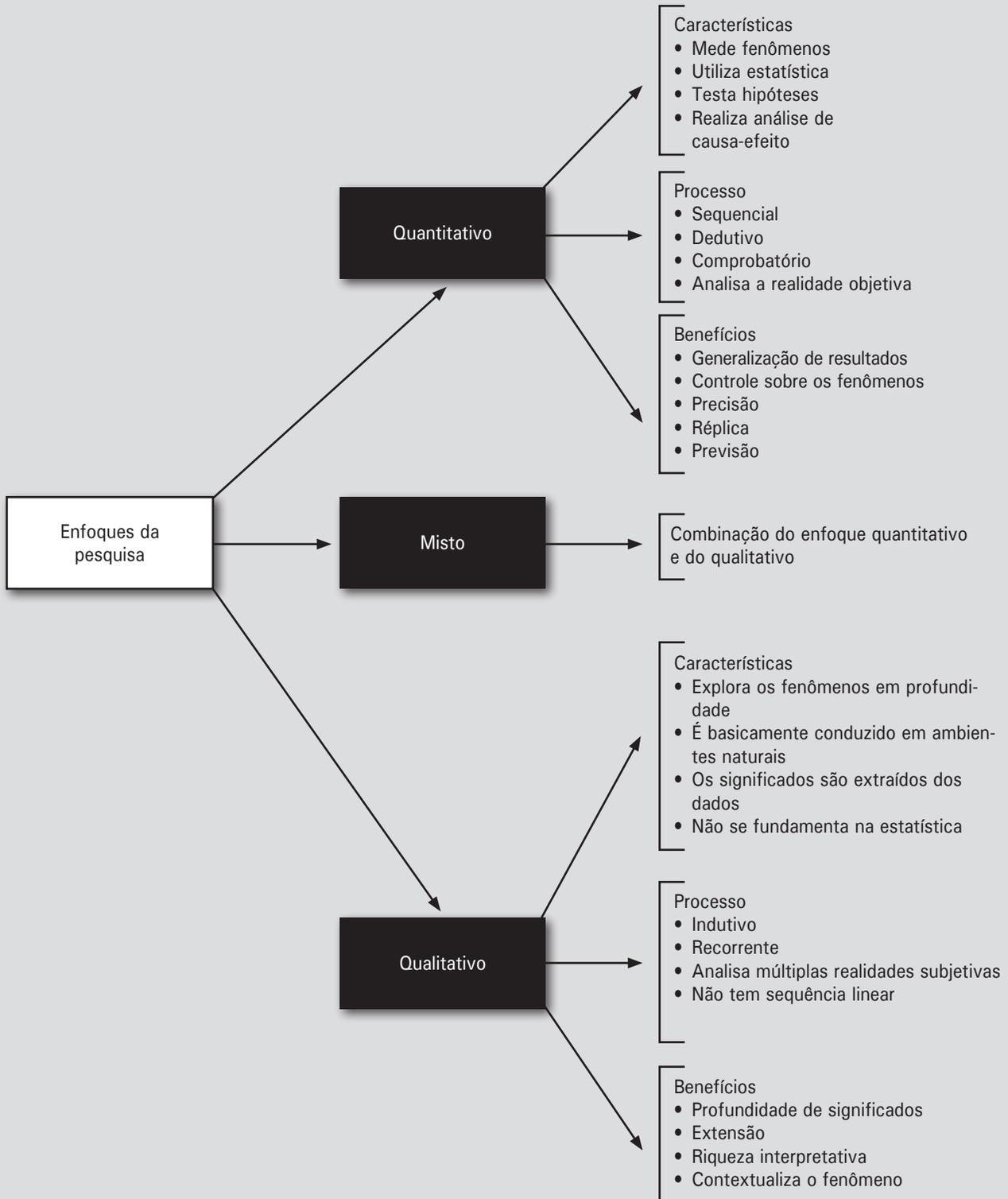
Objetivos da aprendizagem

Ao concluir este capítulo, o aluno será capaz de:

1. definir o enfoque quantitativo e o qualitativo da pesquisa;
2. reconhecer as características do enfoque quantitativo e do qualitativo;
3. identificar o processo quantitativo e o qualitativo da pesquisa;
4. determinar as semelhanças e as diferenças entre o enfoque quantitativo e o qualitativo da pesquisa.

Síntese

Neste capítulo definimos o enfoque quantitativo e o qualitativo da pesquisa, suas semelhanças e diferenças. Também identificamos as características essenciais de cada enfoque e mostramos que ambos foram ferramentas igualmente valiosas para o desenvolvimento das ciências. Por outro lado, apresentamos em termos gerais os processos quantitativo e o qualitativo da pesquisa.



No Capítulo 1 do CD que acompanha este livro, você encontrará informação sobre a história dos enfoques quantitativo, qualitativo e misto e, no Capítulo 12, uma ampliação dos métodos mistos para este capítulo e para o Capítulo 17 desta obra.



✓ COMO A PESQUISA PODE SER DEFINIDA?

A **pesquisa** é um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno.

✓ QUAIS ENFOQUES FORAM ADOTADOS NA PESQUISA?

QA1

Ao longo da História da Ciência surgiram diversas correntes de pensamento – como o empirismo, o materialismo dialético, o positivismo, a fenomenologia, o estruturalismo – e diversos marcos interpretativos como a etnografia e o construtivismo, que deram origem a diferentes caminhos na busca do conhecimento. Não vamos nos aprofundar neles aqui; sua revisão, embora rápida, pode ser encontrada no CD que acompanha esta edição.¹ No entanto, e devido às diferentes premissas que dão suporte a elas, a partir do século passado essas correntes se “polarizaram” em duas abordagens principais para indagar: o enfoque quantitativo e o enfoque qualitativo da pesquisa.²

Ambos os enfoques empregam processos cuidadosos, metódicos e empíricos em seu esforço para gerar conhecimento, e é por isso que a definição anterior de pesquisa pode ser aplicada aos dois de maneira igual, pois também utilizam, em termos gerais, cinco fases similares e relacionadas entre si (Grinnell, 1997):

1. Realizam a observação e a avaliação de fenômenos.
2. Criam suposições ou ideias como consequência da observação e da avaliação realizadas.
3. Demonstram o quanto as suposições ou as ideias têm fundamento.
4. Revisam essas suposições ou ideias se baseando nas provas ou na análise.
5. Propõem novas observações e avaliações para esclarecer, modificar e fundamentar as suposições e ideias ou até para gerar outras.

Embora a abordagem quantitativa e a qualitativa compartilhem essas estratégias gerais, cada uma possui suas próprias características.

✓ QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DO ENFOQUE QUANTITATIVO DE PESQUISA?

QA2

O **enfoque quantitativo** (que representa, conforme dissemos, um conjunto de processos) é sequencial e comprobatório. Cada etapa precede à seguinte e não podemos “pular ou evitar” passos,³

ENFOQUE QUANTITATIVO Utiliza a coleta de dados para testar hipóteses, baseando-se na medição numérica e na análise estatística para estabelecer padrões e comprovar teorias.

a ordem é rigorosa, embora, claro, possamos redefinir alguma fase. Parte de uma ideia que vamos delimitando e, uma vez definida, extraímos objetivos e perguntas de pesquisa, revisamos a literatura e construímos um marco ou uma perspectiva teórica. Das perguntas, formulamos as hipóteses e determinamos as variáveis; desenvolvemos um plano para testá-las (desenho); medimos as variáveis em um determinado contexto; analisamos as medições obtidas (geralmente utilizando métodos estatísticos) e estabelecemos uma série de conclusões em relação às hipóteses. Esse processo é representado na Figura 1.1 e será desenvol-

vido na segunda parte do livro.

QA3

O enfoque quantitativo tem as seguintes características:

1. O pesquisador *formula um problema de estudo delimitado e concreto*. Suas perguntas de pesquisa versam sobre questões específicas.
2. Uma vez formulado o problema de estudo, o pesquisador considera o que foi pesquisado anteriormente (*a revisão da literatura*) e constrói um *marco teórico* (a teoria que deverá guiar seu estudo), do qual deriva uma ou várias *hipóteses* (questões que irá verificar se são corretas ou não) e as submete a teste mediante o emprego dos desenhos de pesquisa apropriados. Se os resultados corroboram as hipóteses ou são congruentes com estas, fornece evidência a seu favor. Se forem refutados, eles são descartados para buscar melhores explicações e novas hipóteses. Ao confirmar as hipóteses, a teoria que dá suporte a elas passa a ter crédito. Se esse *não* for o caso, então é necessário descartar as hipóteses e, eventualmente, a teoria.

3. Assim, as hipóteses (por ora, vamos chamá-las de crenças) são geradas antes de se coletar e analisar os dados.
4. A *coleta de dados* se fundamenta na medição (medimos as variáveis ou os conceitos contidos nas hipóteses). Essa coleta é realizada quando utilizamos procedimentos padronizados ou aceitos por uma comunidade científica. Para que uma pesquisa seja crível e aceita por outros pesquisadores, temos de demonstrar que esses procedimentos foram seguidos. Como nesse enfoque o que se pretende é *medir*, os fenômenos estudados devem conseguir ser observados ou *se referir* ao “mundo real”.
5. Como os dados são produto de medições, eles são representados por números (quantidades) e devem ser *analisados* com *métodos estatísticos*.
6. O que se busca no processo é o controle máximo para conseguir que outras explicações possíveis, diferentes ou “rivais” à proposta do estudo (hipóteses), sejam descartadas e se exclua a incerteza e minimize o erro. É por isso que se confia na experimentação e/ou nos testes de causa-efeito.
7. As análises quantitativas são interpretadas de acordo com as previsões iniciais (hipóteses) e os estudos anteriores (teoria). A interpretação é uma explicação sobre como os resultados se encaixam no conhecimento existente (Creswell, 2005).
8. A pesquisa quantitativa deve ser a mais “objetiva” possível.⁴ Os fenômenos observados e/ou medidos não devem ser afetados pelo pesquisador. Este deve evitar, na medida do possível, que seus temores, crenças, desejos e tendências influenciem os resultados do estudo ou interfiram nos processos, e que também não sejam alterados pelas tendências de outros (Unrau, Grinnell e Williams, 2005).
9. Os estudos quantitativos seguem um padrão previsível e estruturado (o processo) e é preciso ter presente que as decisões críticas precisam ser tomadas antes de coletar os dados.
10. Em uma pesquisa quantitativa o que se pretende é generalizar os resultados encontrados em um grupo ou segmento (amostra) para uma coletividade maior (universo ou população). E também que os estudos realizados possam ser replicados.
11. No final, o que se tenta fazer com os estudos quantitativos é explicar e prever os fenômenos pesquisados, buscando regularidades e relações causais entre elementos. Isso significa que a meta principal é a construção e demonstração de teorias (que explicam e preveem).
12. Nesse enfoque, se o processo for rigorosamente seguido e algumas regras lógicas forem seguidas, os dados gerados terão os padrões de validade e confiabilidade e suas conclusões irão contribuir para gerar conhecimento.
13. Essa abordagem utiliza a lógica ou raciocínio dedutivo, que começa com a teoria para a partir dela derivar expressões lógicas denominadas hipóteses que o pesquisador busca testar.
14. A pesquisa quantitativa pretende identificar leis universais e causais (Bergman, 2008).
15. A busca quantitativa ocorre na realidade externa do indivíduo. Isso nos leva a uma explicação sobre como a realidade é entendida com essa abordagem da pesquisa.

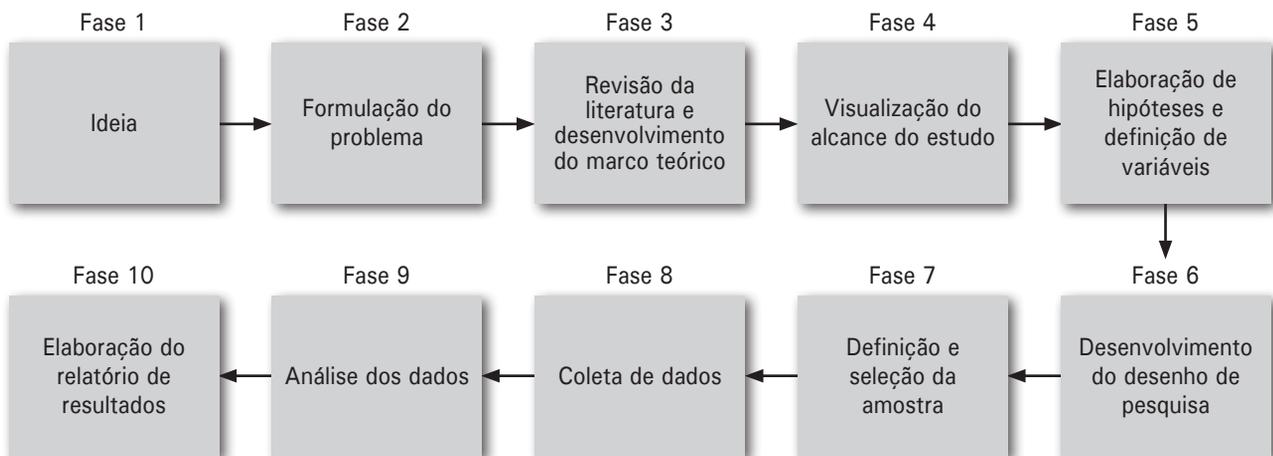


FIGURA 1.1 Processo quantitativo.

Para essa última finalidade, utilizaremos a explicação de Grinnell (1997) e Creswell (1997) que encerra quatro pontos:

1. Existem duas realidades: a primeira é *interna* e consiste das crenças, pressuposições e experiências *subjetivas* das pessoas. Estas podem variar: desde muito vagas ou gerais (intuições) até crenças bem organizadas e desenvolvidas logicamente por meio de teorias formais. A segunda realidade é *objetiva, externa e independente* das crenças que tivermos sobre ela (a autoestima, uma lei, as mensagens televisivas, uma edificação, a AIDS, etc., acontecem, isto é, cada uma delas é uma realidade independentemente do que pensamos a seu respeito).
2. Essa realidade objetiva é suscetível de ser conhecida. De acordo com essa premissa, é possível pesquisar uma realidade externa e autônoma do pesquisador.
3. Precisamos compreender ou ter a maior quantidade de informação a respeito da realidade objetiva. Conhecemos a realidade do fenômeno e os eventos que a rodeiam por meio de suas manifestações, e para entender cada realidade (o porquê das coisas) precisamos registrar e analisar esses eventos. É claro que no *enfoque quantitativo* o subjetivo existe e tem um valor para os pesquisadores; só que, de alguma maneira, esse enfoque se dedica a mostrar como o conhecimento se adapta tão bem à realidade objetiva. Documentar essa coincidência é um propósito central de muitos estudos quantitativos (quando achamos que uma doença provoca efeitos e isso realmente acontece, quando captamos a relação “real” entre as motivações de um sujeito e sua conduta, quando supomos que um material tem uma determinada resistência e ele realmente tem, entre outros).
4. Quando as pesquisas críveis demonstrarem que a *realidade objetiva* é diferente de nossas crenças, estas devem ser modificadas ou adaptadas a essa realidade. Isso pode ser visto na Figura 1.2 (note que a “realidade” não muda, é a mesma; o que se ajusta é o conjunto de crenças ou hipóteses do pesquisador, portanto, a teoria).

No caso das ciências sociais, o enfoque quantitativo parte do princípio de que o mundo “social” é intrinsecamente cognoscível e todos nós podemos estar de acordo com a natureza da realidade social.

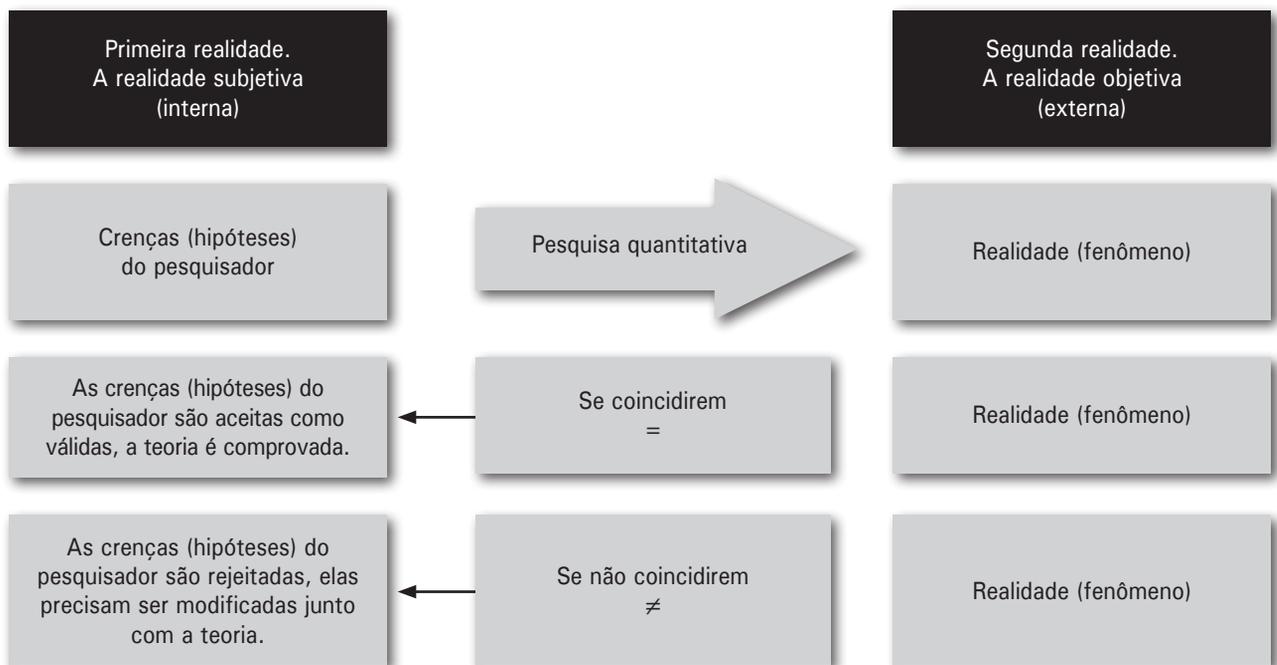


FIGURA 1.2 Relação entre a teoria, a pesquisa e a realidade no enfoque quantitativo.

✓ QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DO ENFOQUE QUALITATIVO DE PESQUISA?

O **enfoque qualitativo**⁵ também se guia por áreas ou temas significativos de pesquisa. No entanto, ao contrário da maioria dos estudos quantitativos, em que a clareza sobre as perguntas de pesquisa e as hipóteses devem vir antes da coleta e da análise dos dados, nos *estudos qualitativos* é possível desenvolver perguntas e hipóteses antes, durante e depois da coleta e da análise dos dados. Geralmente, essas atividades servem para primeiro descobrir quais são as perguntas de pesquisa mais importantes, e depois para aprimorá-las e respondê-las. A ação indagativa se move de maneira dinâmica em ambos os sentidos: entre os fatos e sua interpretação, e é um processo mais “circular” no qual a sequência nem sempre é a mesma, ela varia de acordo com cada estudo específico. Na Figura 1.3 tentamos mostrá-lo, mas precisamos dizer que é simplesmente isso, uma tentativa, porque sua complexidade e flexibilidade são maiores. Esse processo é mostrado na terceira parte do livro.

Para compreender a Figura 1.3, é necessário observar o seguinte:

- a) Embora certamente exista uma revisão inicial da literatura, esta pode ser complementada em qualquer etapa do estudo e apoiar desde a formulação do problema até a elaboração do relatório de resultados (o vínculo teoria-etapas do processo é representado por setas curvas).
- b) Na pesquisa qualitativa geralmente é necessário retornar às etapas anteriores. Por isso, as setas das fases que vão da imersão inicial no campo até o relatório de resultados podem ser vistas em dois sentidos. Por exemplo, o primeiro desenho do estudo pode ser modificado quando definimos a amostra inicial e pretendemos ter acesso a ela (quando, por exemplo, queremos observar determinadas pessoas em seus ambientes naturais e por alguma razão descobrimos que isso não pode ser feito; nesse caso, a amostra e os ambientes de estudo precisam variar e o desenho deve ser adaptado). Esse foi o caso de um estudante que desejava observar criminosos de alta periculosidade com certas características em uma prisão, mas o acesso foi negado e ele teve de ir a outra prisão, onde entrevistou criminosos menos perigosos. Quando analisamos os dados também podemos notar que precisamos de um número maior de participantes ou de outras pessoas que não foram inicialmente incluídas, o que modifica a amostra concebida originalmente. Ou, ainda, que devemos analisar outro tipo de dados não considerados no início do estudo (por exemplo, havíamos planejado realizar somente entrevistas e descobrimos documentos valiosos dos indivíduos que podem nos ajudar a compreendê-los melhor, como seria o caso de seus “diários pessoais”).
- c) A imersão inicial no campo significa se sensibilizar com o ambiente onde o estudo será realizado, identificar informantes que contribuam com dados e nos guiem pelo lugar, penetrar e se concentrar na situação de pesquisa, além de verificar a factibilidade do estudo.
- d) No caso do processo qualitativo, a amostra, a coleta e a análise são fases realizadas praticamente de maneira simultânea.

Além disso, o *enfoque qualitativo* possui as seguintes características:

1. O pesquisador formula um problema, mas não segue um processo claramente definido. Suas formulações *não* são tão específicas quanto no enfoque quantitativo e as perguntas de pesquisa *nem* sempre foram conceituadas nem definidas por completo.
2. Na busca qualitativa, em vez de iniciar com uma teoria específica e depois “voltar” ao mundo empírico para confirmar se ela é apoiada pelos fatos, o pesquisador começa examinando o mundo social e nesse processo desenvolve uma teoria coerente com os dados, de acordo com aquilo que observa, geralmente denominada por *teoria fundamentada* (Esterberg, 2002), com a qual observa o que acontece. Em outras palavras, as *pesquisas qualitativas* se baseiam mais em uma lógica e em um processo indutivo (explorar e descrever, e depois gerar perspectivas teóricas). Vão do particular ao geral. Por exemplo, em um típico estudo qualitativo, o pesquisador entrevista uma pessoa, analisa os dados obtidos e tira algumas conclusões; posteriormente, entrevista outra pessoa, analisa essa nova informação e revisa seus resultados e conclusões; do

OO2

ENFOQUE QUALITATIVO Utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação.

OO3

OO2

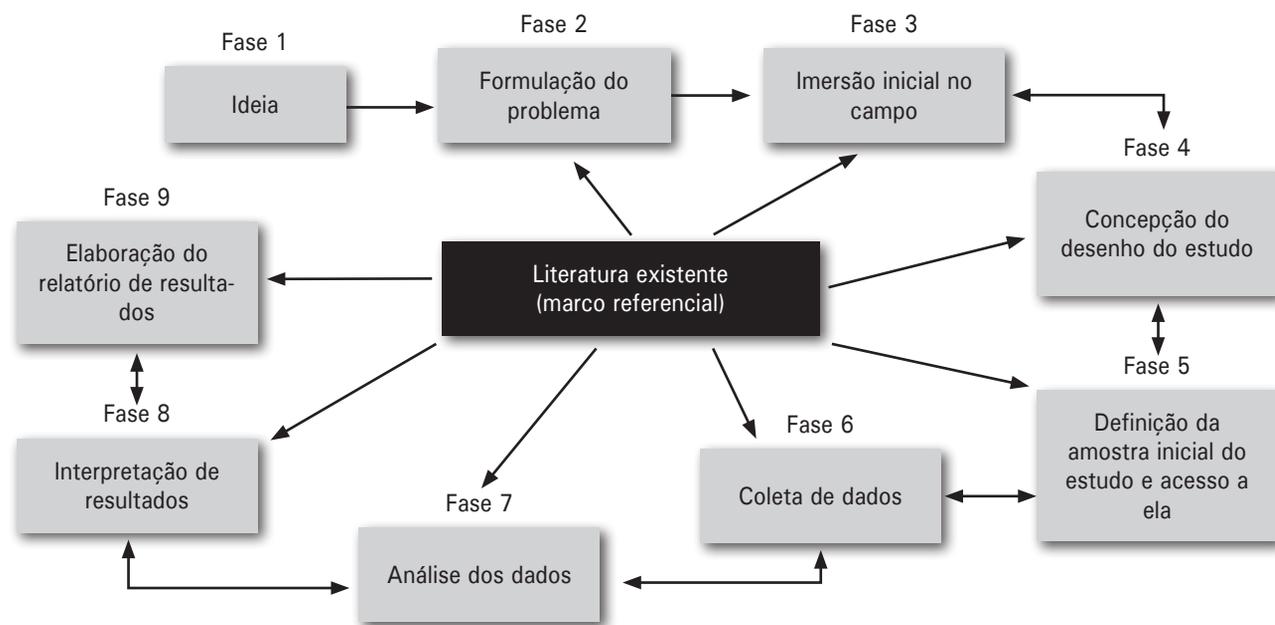


FIGURA 1.3 Processo qualitativo.

mesmo modo, realiza e analisa mais entrevistas para compreender o que busca. Isto é, segue todos os passos até chegar a uma perspectiva mais geral.

3. Na maioria dos estudos qualitativos, as hipóteses não são testadas, elas são construídas durante o processo e vão sendo aprimoradas conforme mais dados são obtidos ou, então, são um resultado do estudo.
4. O enfoque se baseia em métodos de coleta de dados *não* padronizados nem totalmente pre-determinados. Não efetuamos uma medição numérica, portanto, a análise não é estatística. A coleta dos dados consiste em obter as perspectivas e os pontos de vista dos participantes (suas emoções, prioridades, experiências, significados e outros aspectos subjetivos). Também são de interesse as interações entre indivíduos, grupos e coletividades. O pesquisador formula perguntas abertas, coleta dados apresentados pela linguagem escrita, verbal, não verbal e também visual, que ele descreve e analisa para que sejam transformados em temas relacionados, e reconhece suas tendências pessoais (Todd, 2005). Por isso, a preocupação direta do pesquisador se concentra nas vivências dos participantes, tal como foram (ou são) sentidas e experimentadas (Sherman e Webb, 1988). Patton (1980, 1990) define os **dados qualitativos** como descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações, condutas observadas e suas manifestações.
5. Nesse sentido, o pesquisador qualitativo utiliza técnicas para coletar dados, como a observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, registro de histórias de vida, e interação e introspecção com grupos ou comunidades.
6. O processo de indagação é mais flexível e se move entre as respostas e o desenvolvimento da teoria. Seu propósito consiste em “reconstruir” a realidade, da mesma forma como ela é observada pelos atores de um sistema social previamente definido. Muitas vezes é chamado de *holístico*, porque é preciso considerar o “todo”⁶ sem reduzi-lo ao estudo de suas partes.
7. O enfoque qualitativo avalia o desenvolvimento natural dos acontecimentos, isto é, não há manipulação nem estimulação em relação à realidade (Corbetta, 2003).
8. A pesquisa qualitativa se fundamenta em uma perspectiva interpretativa centrada no entendimento do significado das ações de seres vivos, principalmente dos humanos e suas instituições (busca interpretar aquilo que vai captando ativamente).

DADOS QUALITATIVOS Descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações, condutas observadas e suas manifestações.

9. Postula que a “realidade” é definida por meio das interpretações que os participantes da pesquisa fazem a respeito de suas próprias realidades. Desse modo, há uma convergência de várias “realidades”, ao menos a dos participantes, a do pesquisador e a produzida mediante a interação de todos os atores. Também são realidades que vão sendo modificadas no decorrer do estudo e são fontes de dados.
10. Nesse sentido, o pesquisador é introduzido nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre consciente de que é parte do fenômeno estudado. Assim, no centro da pesquisa está a diversidade de ideologias e as qualidades únicas dos indivíduos.
11. As indagações qualitativas não pretendem generalizar probabilisticamente os resultados para populações mais amplas nem obter necessariamente amostras representativas; normalmente nem pretendem que seus estudos consigam ser replicados.
12. O enfoque qualitativo pode ser pensado como um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo “visível”, o transformam em uma série de representações na forma de observações, anotações, gravações e documentos. É *naturalista* (porque estuda os objetos e os seres vivos em seus contextos ou ambientes naturais e cotidianos) e *interpretativo* (pois tenta encontrar sentido para os fenômenos em função dos significados que as pessoas dão a eles).

Dentro do enfoque qualitativo, conforme já comentamos, existe uma variedade de concepções ou marcos de interpretação, só que em todos eles existe um denominador comum que poderíamos situar no conceito de **padrão cultural** (Colby, 1996), que parte da premissa de que toda cultura ou sistema social possui um modo único para entender situações e eventos. Essa cosmovisão, ou maneira de ver o mundo, afeta a conduta humana. Os modelos culturais estão no centro do estudo do qualitativo, pois são entidades flexíveis e maleáveis que são marcos referenciais para o ator social e construídos pelo inconsciente, aquilo que foi transmitido por outros e pela experiência pessoal.

PADRÃO CULTURAL Denominador comum dos marcos de interpretação qualitativos, que parte da premissa de que toda cultura ou sistema social possui um modo único para entender situações e eventos.

Creswell (1997) e Neuman (1994) sintetizam as atividades principais do pesquisador qualitativo com os seguintes comentários:

- Obtém um ponto de vista “interno” (de dentro do fenômeno), embora mantenha uma perspectiva analítica ou alguma distância como observador externo.
- Utiliza diversas técnicas de pesquisa e habilidades sociais de uma maneira flexível, de acordo com as exigências da situação.
- Não define as variáveis com o propósito de manipulá-las experimentalmente.
- Produz dados na forma de notas extensas, diagramas, mapas ou “quadros humanos” para gerar descrições bem detalhadas.
- Extrai significado dos dados e não precisa reduzi-los a números nem deve analisá-los estatisticamente (embora a contagem possa ser utilizada na análise).
- Entende os participantes do estudo e se identifica com eles; não registra apenas fatos objetivos, “frios”.
- Mantém uma perspectiva dupla: analisa os aspectos explícitos, conscientes e evidentes, assim como os implícitos, inconscientes e subjacentes. Nesse sentido, a própria realidade subjetiva é objeto de estudo.
- Observa os processos sem invadir, alterar ou impor um ponto de vista externo, mas da maneira como são percebidos pelos atores do sistema social.
- É capaz de trabalhar com paradoxos, incerteza, dilemas éticos e ambiguidade.

☑️ **QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS ENTRE O ENFOQUE QUANTITATIVO E O QUALITATIVO?**

O *enfoque qualitativo* busca principalmente a “dispersão ou expansão” dos dados e da informação, enquanto o *enfoque quantitativo* pretende intencionalmente “delimitar” a informação (medir com precisão as variáveis do estudo, ter “foco”).⁷

Nas pesquisas qualitativas, a reflexão é a ponte que une o pesquisador e os participantes (Mertens, 2005).

Da mesma forma que um estudo quantitativo se baseia em outros estudos anteriores, o qualitativo se fundamenta primordialmente em si mesmo. O primeiro é utilizado para consolidar as crenças (formuladas de maneira lógica em uma teoria ou um esquema teórico) e estabelecer com exatidão padrões de comportamento em uma população; e o segundo, para construir crenças próprias sobre o fenômeno estudado, como no caso de um grupo de pessoas únicas.

Para enfatizar as características de ambos os enfoques e aprofundar em suas diferenças, preferimos resumi-las na Tabela 1.1, na qual procuramos fazer mais uma comparação do que expor uma a uma. Algumas concepções foram adaptadas ou reformuladas de diversos autores.⁸

TABELA 1.1

Diferenças entre o enfoque quantitativo e o qualitativo

Definições (dimensões)	Enfoque quantitativo	Enfoque qualitativo
Marcos referenciais gerais básicos	Positivismo, neopositivismo e pós-positivismo.	Fenomenologia, construtivismo, naturalismo, interpretativismo.
Ponto de partida*	Existe uma realidade a se conhecer. Isso pode ser feito pela mente.	Existe uma realidade a se descobrir, construir e interpretar. A realidade é a mente.
Realidade a ser estudada	Existe uma realidade objetiva única. O mundo é pensado como externo ao pesquisador.	Existem várias realidades subjetivas construídas na pesquisa, que variam em sua forma e conteúdo entre indivíduos, grupos e culturas. Por isso, o pesquisador qualitativo parte da premissa de que o mundo social é "relativo" e somente pode ser entendido a partir do ponto de vista dos atores estudados. Em outras palavras, o mundo é construído pelo pesquisador.
Natureza da realidade	A realidade não muda por causa das observações e medições realizadas.**	A realidade muda, sim, por causa das observações e da coleta de dados.
Objetividade	Procura ser objetivo.	Admite subjetividade.
Metas da pesquisa	Descrever, explicar e prever os fenômenos (causalidade). Gerar e comprovar teorias.	Descrever, compreender e interpretar os fenômenos, por meio das percepções e dos significados produzidos pelas experiências dos participantes.
Lógica	Aplica-se a lógica dedutiva. Do geral ao particular (das leis e teoria aos dados).	Aplica-se a lógica indutiva. Do particular ao geral (dos dados às generalizações – não estatísticas – e à teoria).
Relação entre ciências físicas/naturais e sociais	As ciências físicas/naturais e as sociais são uma unidade. Os princípios das ciências naturais podem ser aplicados às ciências sociais.	As ciências físicas/naturais e as sociais são diferentes. Os mesmos princípios não podem ser aplicados.
Posição pessoal do pesquisador	Neutra. O pesquisador "deixa de lado" seus próprios valores e crenças. Sua posição é "imparcial", tenta assegurar procedimentos rigorosos e "objetivos" de coleta e análise dos dados, assim como evitar que suas propensões e tendências influenciem nos resultados.	Explícita. O pesquisador reconhece seus próprios valores e crenças, que são, inclusive, parte do estudo.
Interação física entre o pesquisador e o fenômeno	Distanciada, separada.	Próxima, costuma haver contato.
Interação psicológica entre o pesquisador e o fenômeno	Distanciada, neutra, sem envolvimento.	Próxima, empática, com envolvimento.

(continua)

TABELA 1.1
Diferenças entre o enfoque quantitativo e o qualitativo (continuação)

Definições (dimensões)	Enfoque quantitativo	Enfoque qualitativo
Papel dos fenômenos estudados (objetos, seres vivos, etc.)	Os papéis são mais passivos.	Os papéis são mais ativos.
Relação entre o pesquisador e o fenômeno estudado	De independência e neutralidade, não se afetam. São separados.	De interdependência, se influenciam. Não são separados.
Formulação do problema	Delimitado, demarcado, específico. Pouco flexível.	Aberto, livre, não é delimitado ou demarcado. Muito flexível.
Uso da teoria	A teoria é utilizada para ajustar seus postulados ao mundo empírico.	A teoria é um marco referencial.
Criação da teoria	A teoria é criada a partir da comparação da pesquisa anterior com os resultados do estudo. Na verdade, estes são uma extensão dos estudos antecedentes.	A teoria não se fundamenta em estudos anteriores, mas é criada ou construída a partir dos dados empíricos obtidos e analisados.
Papel da revisão da literatura	A literatura tem um papel crucial, orienta a pesquisa. É fundamental para a definição da teoria, das hipóteses, do desenho e das demais etapas do processo.	A literatura desempenha um papel menos importante no início, embora seja realmente importante no desenvolvimento do processo. Algumas vezes, ela indica o caminho, mas o que realmente indica o rumo é a evolução de eventos, durante o estudo e a aprendizagem que são obtidos dos participantes. O marco teórico é um elemento que ajuda a justificar a necessidade de pesquisar um problema formulado. Alguns autores do enfoque qualitativo consideram que seu papel é apenas auxiliar.
A revisão da literatura e as variáveis ou conceitos de estudo	O pesquisador faz uma revisão da literatura principalmente para buscar variáveis significativas que possam ser medidas.	O pesquisador, mais do que se fundamentar na revisão da literatura para selecionar e definir as variáveis ou os conceitos-chave do estudo, confia no próprio processo de pesquisa para identificá-los e descobrir como se relacionam.
Hipóteses	As hipóteses são testadas. Elas são estabelecidas para que sejam aceitas ou rejeitadas, dependendo do grau de certeza (probabilidade).	As hipóteses são criadas durante o estudo e no final deste.
Desenho da pesquisa	Estruturado, predeterminado (precede a coleta dos dados).	Aberto, flexível, construído durante o trabalho de campo ou a realização do estudo.
População-amostra	O objetivo é generalizar os dados de uma amostra para uma população (de um grupo pequeno a um maior).	Geralmente, a pretensão não é generalizar os resultados obtidos na amostra para uma população.
Amostra	Muitos sujeitos são envolvidos na pesquisa porque a intenção é generalizar os resultados do estudo.	Poucos sujeitos são envolvidos, porque a intenção não é necessariamente generalizar os resultados do estudo.
Composição da amostra	Casos que em conjunto são estatisticamente representativos.	Casos individuais, representativos não a partir do ponto de vista estatístico.
Natureza dos dados	A natureza dos dados é quantitativa (dados numéricos).	A natureza dos dados é qualitativa (textos, narrativas, significados, etc.).
Tipo de dados	Dados confiáveis e sólidos. Em inglês: <i>hard</i> .	Dados profundos e enriquecedores. Em inglês: <i>soft</i> .

(continua)

TABELA 1.1
Diferenças entre o enfoque quantitativo e o qualitativo (continuação)

Definições (dimensões)	Enfoque quantitativo	Enfoque qualitativo
Coleta de dados	A coleta se baseia em instrumentos padronizados. É uniforme para todos os casos. Os dados são obtidos por observação, medição e documentação de medições. Os instrumentos utilizados são aqueles que se mostraram válidos e confiáveis em estudos anteriores ou, então, novos instrumentos são criados com base na revisão da literatura e eles são testados e ajustados. As perguntas ou itens utilizados são específicos, com possibilidades predeterminadas de resposta.	O objetivo da coleta de dados é proporcionar um entendimento maior sobre os significados e as experiências das pessoas. O pesquisador é o instrumento de coleta de dados, que se apoia em diversas técnicas desenvolvidas durante o estudo. Ou seja, a coleta de dados não é iniciada com instrumentos preestabelecidos, mas é o pesquisador que começa a aprender por meio da observação e das descrições dos participantes e pensa em formas para registrar os dados que vão sendo aprimorados conforme a pesquisa avança.
Concepção dos participantes na coleta de dados	Os participantes são fontes externas de dados.	Os participantes são fontes internas de dados. O pesquisador também é um participante.
Finalidade da análise dos dados	Descrever as variáveis e explicar suas mudanças e movimentos.	Compreender as pessoas e seus contextos.
Características da análise dos dados	<ul style="list-style-type: none"> • Sistemática. Intensa utilização da estatística (descritiva e inferencial). • Baseada em variáveis. • Impessoal. • Posterior à coleta de dados. 	<ul style="list-style-type: none"> • A análise varia dependendo de como os dados foram coletados. • Fundamentada na indução analítica. • Uso moderado da estatística (contagem, algumas operações aritméticas). • Baseada em casos ou pessoas e suas manifestações. • Simultânea à coleta de dados. • A análise consiste em descrever informação e desenvolver temas.
Formato dos dados que serão analisados	Os dados são representados em formato de números que são analisados estatisticamente.	Dados no formato de textos, imagens, peças audiovisuais, documentos e objetos pessoais.
Processo de análise dos dados	A análise começa com ideias preconcebidas, baseadas nas hipóteses formuladas. Uma vez coletados os dados numéricos, estes são transferidos para uma matriz, que é analisada mediante procedimentos estatísticos.	Geralmente, a análise não começa com ideias preconcebidas sobre como os conceitos ou variáveis se relacionam. Depois que os dados verbais, escritos e/ou audiovisuais são agrupados, eles passam a fazer parte de uma base de dados composta por texto e/ou elementos visuais, que é analisada para determinar significados e descrever o fenômeno estudado a partir do ponto de vista de seus atores. As descrições de pessoas são integradas às do pesquisador.
Perspectiva do pesquisador na análise dos dados	Externa (à margem dos dados). O pesquisador não envolve seus antecedentes e suas experiências na análise, mantém distância dela.	Interna (a partir dos dados). O pesquisador envolve seus próprios antecedentes e experiências na análise, assim como sua relação com os participantes do estudo.
Principais critérios de avaliação na coleta e análise dos dados	Objetividade, rigor, confiabilidade e validade.	Credibilidade, confirmação, valoração e transferência.
Apresentação de resultados	Tabelas, diagramas e modelos estatísticos. O formato de apresentação é padrão.	O pesquisador emprega uma variedade de formatos para relatar seus resultados: narrativas, fragmentos de textos, vídeos, áudios, fotografias e mapas, diagramas, matrizes e modelos conceituais. O formato varia praticamente em cada estudo.

(continua)

TABELA 1.1
Diferenças entre o enfoque quantitativo e o qualitativo (continuação)

Definições (dimensões)	Enfoque quantitativo	Enfoque qualitativo
Relatório de resultados	Os relatórios utilizam um tom objetivo, impessoal, não emotivo.	Os relatórios utilizam um tom pessoal e emotivo.
<p>* Becker (1993) diz: a "realidade" é o ponto mais estressante nas ciências sociais. As diferenças entre os dois enfoques tiveram um tom eminentemente ideológico. O grande filósofo alemão Karl Popper (1965) nos fez entender que a origem de visões conflitantes, sobre o que é ou deve ser o estudo do fenômeno social, está nas premissas de diferentes definições sobre o que é a realidade. O realismo, a partir de Aristóteles, estabelece que o mundo consegue ser conhecido pela mente. Kant introduz a ideia de que o mundo pode ser conhecido porque a realidade se assemelha às formas que a mente tem. Enquanto Hegel vai para um idealismo puro e propõe: "O mundo é minha mente". Certamente que este último é confuso, e assim o considera Popper, alertando que o grande perigo dessa posição é que permite o dogmatismo (como se pode comprovar com o exemplo do materialismo dialético). O avanço no conhecimento, diz Popper, necessita de conceitos que possamos refutar ou comprovar. Essa característica delimita o que é e o que não é ciência.</p> <p>** Embora alguns físicos, ao estudar as partículas, tenham notado quão relativa é essa afirmação.</p>		

Para que o leitor que se inicia nesse ofício tenha uma ideia da diferença entre as duas abordagens, vamos utilizar um exemplo bem simples e cotidiano referente à atração física, ainda que para algumas pessoas possa parecer ingênuo. Claro que no exemplo não consideramos as implicações paradigmáticas que estão por trás de cada enfoque; mas realmente insistimos que, em termos práticos, os dois contribuem para o conhecimento de um fenômeno.

Exemplo

Compreensão dos enfoques quantitativo e qualitativo da pesquisa

Vamos supor que um(a) estudante está interessado(a) em saber quais fatores contribuem para que uma pessoa seja definida e vista como "atraente e conquistadora" (que cativa os indivíduos do gênero oposto e consegue fazer com que se sintam atraídos por ele ou ela e se apaixonem). Então, decide realizar um estudo (sua ideia para pesquisar) em sua escola.

De acordo com o enfoque quantitativo-dedutivo, o estudante formularia seu problema de pesquisa definindo seu objetivo e sua pergunta (o que quer fazer e o que quer saber).

O objetivo poderia ser, por exemplo: "conhecer os fatores que determinam que uma pessoa jovem seja vista como atraente e conquistadora", e a pergunta de pesquisa: "Quais fatores determinam que uma pessoa jovem seja vista como atraente e conquistadora?".



Um tema da pesquisa quantitativa-dedutiva poderia ser "Quais fatores determinam que uma pessoa jovem seja vista como atraente e conquistadora?".

Em seguida, revisaria estudos sobre a atração física e psicológica nas relações entre jovens, a percepção dos(as) jovens sobre essas relações, os elementos que interferem no início da convivência amorosa, as diferenças por gênero de acordo com os atributos e as qualidades pelos quais se sentem atraídos, etc.

Deixaria seu problema de pesquisa mais preciso; selecionaria uma teoria que explicasse de maneira satisfatória – com base em estudos anteriores – a atração física e psicológica, a percepção de atributos e qualidades desejáveis em pessoas do gênero oposto e a paixão nas relações entre jovens; e também, se fosse possível, formularia uma ou várias hipóteses. Por exemplo: “os meninos e as meninas que obtêm mais conquistas amorosas e são vistos(as) como mais ‘atraentes’ são aqueles(as) que têm maior prestígio social na escola, que confiam mais em si e são mais extrovertidos(as)”.

Depois, poderia entrevistar as amigas e os amigos de sua escola perguntando até que ponto o prestígio social, a confiança em si e a extroversão influenciam na “conquista” e na “atração” em relação às pessoas do outro gênero. Poderia, inclusive, utilizar questionários já estabelecidos, bem elaborados e confiáveis. Talvez entrevistasse apenas uma amostra de estudantes. Também seria possível perguntar para as pessoas jovens, que têm fama de conquistadoras e atraentes, o que elas pensam a esse respeito.

Além disso, analisaria os dados e a informação das entrevistas para obter conclusões sobre suas hipóteses. Talvez também fizesse uma experiência escolhendo indivíduos jovens que tivessem diferentes graus de prestígio, segurança e extroversão (níveis do perfil “conquistador e atraente”), deixando-os livres para conquistar jovens do gênero oposto e assim avaliar os resultados.

Seu interesse seria generalizar suas descobertas, ao menos em relação ao que acontece em sua comunidade estudantil. Tenta comprovar suas crenças e, caso *não* consiga demonstrar que o prestígio, a confiança em si e a extroversão sejam fatores relacionados com a conquista e a atração, então poderia tentar outras explicações; quem sabe acrescentando fatores como a maneira como se vestem, se são cosmopolitas (se viajaram muito, conhecem outras culturas), a inteligência emocional, entre outros aspectos.

No processo, irá deduzindo da teoria o que encontra em seu estudo. Claro que, se a teoria que escolheu for inadequada, seus resultados serão pobres.

De acordo com o enfoque qualitativo-indutivo, mais do que revisar as teorias sobre certos fatores, o que o estudante faria seria se sentar na cafeteria para observar os meninos e as meninas que têm fama de serem atraentes e conquistadores. Observaria a primeira pessoa jovem que considerasse ter essas características, começaria a analisá-la e construiria um conceito sobre ela (Como é? Quais são suas características? Como se comporta? Quais são seus atributos e qualidades? De que forma se relaciona com os demais?). Também seria testemunha de como conquista os(as) colegas. Dessa forma, chegaria a algumas conclusões. Posteriormente faria o mesmo (observar) com outras pessoas jovens. Pouco a pouco entenderia por que esses(as) colegas são considerados(as) atraentes e conquistadores(as). E disso poderia surgir algum esquema que explique as razões pelas quais essas pessoas conquistam as outras.

Depois, por meio de perguntas abertas, entrevistaria estudantes de ambos os gêneros (considerados atraentes) e também aqueles que foram conquistados por eles. A partir daí chegaria novamente a descobertas e conclusões e poderia fundamentar algumas hipóteses, que no final contrastaria com as de outros estudos. Não seria indispensável obter uma amostra representativa nem generalizar seus resultados. Mas, ao ir conhecendo cada um dos casos, entenderia as experiências dos sujeitos conquistadores e atraentes e dos conquistados.

Sua ação seria indutiva: de cada caso estudado talvez obtivesse o perfil que procura e também o significado de conquistar.

Devemos insistir que tanto no processo quantitativo quanto no qualitativo é possível voltar para uma etapa anterior. Além disso, a formulação sempre pode ser modificada, ou seja, ela está em evolução.

Em ambos os processos, as técnicas de coleta dos dados podem ser múltiplas. Por exemplo, na pesquisa quantitativa: questionários fechados, registros de dados estatísticos, testes padronizados, sistemas de medições fisiológicas, etc. Nos estudos qualitativos: entrevistas profundas, testes projetivos, questionários abertos, sessões de grupos, biografias, revisão de arquivos, observação, entre outros.

Finalmente, para concluir a resposta para a pergunta desse item, na Tabela 1.2 comparamos as etapas fundamentais de ambos os processos, tendo como base os conceitos descritos anteriormente.

TABELA 1.2*

Comparação das etapas de pesquisa nos processos quantitativo e qualitativo

Características quantitativas	Processos fundamentais do processo geral de pesquisa	Características qualitativas
<ul style="list-style-type: none"> • Voltada para a descrição, previsão e explicação • Específica e delimitada • Voltada para dados mensuráveis ou observáveis 		<ul style="list-style-type: none"> • Voltada para a exploração, a descrição e o entendimento • Geral e ampla • Voltada para as experiências dos participantes
<ul style="list-style-type: none"> • Papel fundamental • Justificativa para a formulação e a necessidade do estudo 		<ul style="list-style-type: none"> • Papel secundário • Justificativa para a formulação e a necessidade do estudo
<ul style="list-style-type: none"> • Instrumentos predeterminados • Dados numéricos • Número considerável de casos 		<ul style="list-style-type: none"> • Os dados surgem pouco a pouco • Dados em texto ou imagem • Número relativamente pequeno de casos
<ul style="list-style-type: none"> • Análise estatística • Descrição de tendências, comparação de grupos ou relação entre variáveis • Comparação de resultados com previsões e estudos anteriores 		<ul style="list-style-type: none"> • Análise de textos e material audiovisual • Descrição, análise e desenvolvimento de temas • Significado profundo dos resultados
<ul style="list-style-type: none"> • Padronizado e fixo • Objetivo e sem tendências 		<ul style="list-style-type: none"> • Emergente e flexível • Reflexivo e com aceitação de tendências
* Adaptada de Creswell (2005, p.44).		

✓ QUAL DOS ENFOQUES É O MELHOR?

Do nosso ponto de vista, ambos os enfoques são muito valiosos e contribuirão de maneira notável para o avanço do conhecimento. Nenhum é intrinsecamente melhor do que o outro. São apenas abordagens diferentes para o estudo de um fenômeno. A *pesquisa quantitativa* nos oferece a oportunidade de generalizar os resultados mais amplamente, ela nos permite ter o controle sobre os fenômenos, assim como um ponto de vista de contagem e suas magnitudes. Também nos proporciona uma grande possibilidade de réplica e um enfoque sobre pontos específicos desses fenômenos, além de facilitar a comparação entre estudos similares. Já a *pesquisa qualitativa* proporciona profundidade aos dados, dispersão, riqueza interpretativa, contextualização do ambiente ou entorno, detalhes e experiências únicas. Também traz um ponto de vista “novo, natural e holístico” dos fenômenos, assim como flexibilidade. Além disso, o método quantitativo foi o mais utilizado em ciências como a física, a química e a biologia. Então, ele é mais apropriado para as ciências chamadas “exatas ou naturais”. O método qualitativo foi empregado mais em disciplinas humanísticas como a antropologia, a etnografia e a psicologia social.

No entanto, os dois tipos de estudo são úteis para todos os campos, como iremos mostrar ao longo deste livro. Por exemplo, um engenheiro civil pode realizar uma pesquisa para construir um grande edifício. Ele utilizaria estudos quantitativos e cálculos matemáticos para levantar sua construção, e analisaria dados estatísticos referentes à resistência de materiais e estruturas similares construídas em solos iguais nas mesmas condições. Mas ele também pode enriquecer o estudo realizando entrevistas abertas com engenheiros experientes que transmitiriam a ele suas vivências, os problemas que enfrentaram e as soluções adotadas. Também poderia conversar com futuros moradores do edifício para conhecer suas necessidades e se adaptar a elas.

Um estudioso dos efeitos de uma desvalorização na economia de um país complementaria suas análises quantitativas com sessões profundas com especialistas e realizaria uma análise histórica (tanto quantitativa quanto qualitativa) dos fatos.

Um analista da opinião pública, ao pesquisar sobre os fatores que mais interferem na votação para a próxima eleição, utilizaria grupos focais com discussão aberta (qualitativos), além de pesquisas por amostragem (quantitativas).

Um médico que tenta descobrir quais elementos deve considerar para tratar de pacientes em fase terminal e conseguir que enfrentem sua situação da melhor maneira possível, poderia revisar a teoria disponível, consultar pesquisas quantitativas e qualitativas a esse respeito para conduzir uma série de observações estruturadas da relação médico-paciente em casos terminais (realizando uma amostragem de atos de comunicação e quantificando-os). Além disso, poderia entrevistar doentes e médicos com técnicas qualitativas e organizar grupos de pacientes para que falem abertamente dessa relação e do tratamento que desejam. No final, pode tirar suas conclusões e obter perguntas de pesquisa, hipóteses ou novas áreas de estudo.

No passado, tanto o enfoque quantitativo como o qualitativo foram considerados visões opostas, não conciliáveis, que não deveriam se mesclar. Os críticos do *enfoque quantitativo* disseram que ele é “impessoal, frio, reducionista, restritivo, fechado e rígido”. Além disso, consideravam que as pessoas eram estudadas como “objetos”, e que as diferenças individuais e culturais entre grupos não podiam ter sua média calculada nem ser agrupadas estatisticamente. Já os detratores do *enfoque qualitativo* o consideravam “vago, subjetivo, inválido, meramente especulativo, sem possibilidade de réplica e sem dados sólidos que apoiem as conclusões”. Argumentavam que não se tem controle sobre as variáveis estudadas e que falta o poder de entendimento sobre as medições.

O divórcio entre ambos os enfoques nasceu da ideia de que um estudo com um enfoque poderia neutralizar o outro. Era uma noção que impedia a união entre o enfoque quantitativo e o qualitativo.

A posição assumida nesta obra sempre foi que são enfoques complementares, isto é, cada um com sua respectiva função é utilizado para conhecer um fenômeno e levar à solução dos diversos problemas e questionamentos. O pesquisador deve ser metodologicamente plural e se orientar pelo contexto, pela situação, pelos recursos disponíveis, por seus objetivos e pelo problema de estudo. Essa é, realmente, uma postura pragmática.

A seguir apresentamos exemplos de pesquisas que, utilizando um ou outro enfoque, tinham como objetivo fundamental o mesmo fenômeno de estudo (Tabela 1.3).

TABELA 1.3

Exemplos de estudos quantitativos e qualitativos voltados para o mesmo tema de pesquisa

Tema-objeto de estudo/alcance	Estudos quantitativos	Estudos qualitativos
A família	María Elena Oto Mishima (1994): <i>Las migraciones a México y la conformación de la familia mexicana</i> .	Gabriel Careaga (1997): <i>Mitos y fantasías de la clase media en México</i> .
Alcance do estudo	Descrição da procedência dos imigrantes ao México; sua integração econômica e social em diferentes esferas da sociedade.	O livro é uma abordagem crítica e teórica do surgimento da classe média em um país pouco desenvolvido. O autor combina a análise documental, política, dialética e psicanalítica com a pesquisa social e biográfica para reconstruir tipologias ou famílias típicas.
A comunidade	Prodipto Ray, Frederick B. Waisanen e Everett Rogers (1969): <i>The impact of communication on rural development</i> .	Luiz Gonzáles e Gonzáles (1995): <i>Pueblo en vilo</i> .
Alcance do estudo	Determina como ocorre o processo de comunicação de inovações em comunidades rurais e identifica os motivos para aceitar ou rejeitar a mudança social. Também estabelece que tipo de meio de comunicação é o mais benéfico.	O autor descreve em detalhe a micro-história de San José de Gracia, onde são examinadas e entrelaçadas as vidas de seus colonizadores com seu passado e outros aspectos da vida cotidiana.

(continua)

TABELA 1.3

Exemplos de estudos quantitativos e qualitativos voltados para o mesmo tema de pesquisa (continuação)

Tema-objeto de estudo/alcance	Estudos quantitativos	Estudos qualitativos
As ocupações	Linda D. Hammond (2000): <i>Teacher quality and student achievement</i> .	Howard Becker (1951): <i>The professional dance musician and his audience</i> .
Alcance do estudo	Estabelece correlações entre estilos de ensino, desempenho da ocupação docente e êxito dos alunos.	Narração detalhada de processos de identificação e outras condutas de músicos de jazz tendo como base suas competências e seu conhecimento sobre música.
Organizações de trabalho	P. Marcus, P. Baptista e P. Brandt (1979): <i>Rural delivery systems</i> .	William D. Bygrave e Dan D'Heilly (editores) (1997): <i>The portable MBA entrepreneurship case studies</i> .
Alcance do estudo	Pesquisa que demonstra a pouca coordenação que há em uma rede de serviços sociais. Recomenda políticas a serem seguidas para conseguir que os serviços cheguem aos destinatários.	Compêndio de estudos de caso que apoiam a análise sobre a viabilidade de novas empresas e os desafios que enfrentam nos mercados emergentes.
O fenômeno urbano	Louis Wirth (1964): <i>¿Cuáles son las variables que afectan la vida social en la ciudad?</i>	Manuel Castells (1979): <i>The urban question</i> .
Alcance do estudo	A densidade da população e a escassez de moradia são consideradas influentes no descontentamento político.	O autor critica aquilo que o urbanismo tradicionalmente estuda, e argumenta que a cidade não é mais do que um espaço onde se expressam e manifestam as relações de exploração.
O comportamento delinquente*	Robert J. Sampson e John H. Laud (1993): <i>Crime in the making: pathways and turning points through life</i> .	Martín Sánchez Jankowski (1991): <i>Islands in the street: gangs and American urban society</i> .
Alcance do estudo	Os pesquisadores analisaram novamente os dados coletados entre 1939 e 1963 pelo casal de cientistas sociais (Sheldon e Eleanor Glueck). Analisam as variáveis que influenciam o comportamento desviante de adolescentes autores de delitos.	Durante 10 anos o pesquisador estudou 37 gangues de Los Angeles, Boston e Nova York. Jankowski conviveu e inclusive fez parte das gangues (sendo até mesmo preso e ferido). Sua indagação profunda teve como foco o indivíduo, as relações entre os membros da gangue e seu vínculo com a comunidade.

*Para uma revisão mais ampla desses estudos, com a finalidade de analisar a diferença entre uma abordagem quantitativa e uma qualitativa, recomendamos o livro de Corbetta (2003, p. 34-43).

Se olharmos mais atentamente para a Tabela 1.3, é possível ver que os estudos quantitativos estabelecem relações entre variáveis com a finalidade de chegar a proposições mais precisas e fazer recomendações específicas. Por exemplo, a pesquisa de Rogers e Waisanen (1969) indica que nas sociedades rurais a comunicação interpessoal é mais eficaz do que a comunicação dos meios coletivos. O que se espera é que nos estudos quantitativos os pesquisadores elaborem um relatório com seus resultados e ofereçam recomendações aplicáveis a uma população mais ampla, que servirão para a solução de problemas ou a tomada de decisões.

O alcance final dos estudos quantitativos consiste, muitas vezes, em compreender um fenômeno social complexo. O importante não é medir as variáveis envolvidas nesse fenômeno, mas entendê-lo.

Vamos pegar como exemplo o estudo das ocupações e seus efeitos na conduta individual que está na Tabela 1.3, nele é possível notar a divergência à qual nos referimos. No clássico estudo de Howard Becker (1951) sobre o músico de jazz, o autor consegue nos fazer compreender as regras e os ritos no desempenho dessa profissão. “E a utilidade de seu alcance?”, podem perguntar alguns; ela não está somente em compreender esse contexto, mas no fato de que as normas que o orientam podem ser transferidas para outras situações similares de trabalho. Por outro lado, o estudo quantita-

tivo de Hammond (2000) procura estabelecer claramente variáveis pessoais e do desempenho da profissão docente, que sirvam para formular políticas de contratação e de capacitação para o magistério. Para quê? Com a única finalidade de aumentar o êxito acadêmico dos estudantes.

Por último, a pesquisa de Sampson e Laud (1993) teve como objetivo analisar a relação entre nove variáveis estruturais independentes ou causas (entre outras a aglomeração habitacional, o número de irmãos, o *status* socioeconômico, as tendências dos pais, etc.) e o comportamento delinquente (variável dependente ou efeito). Ou seja, gerar um modelo teórico explicativo que pudesse ser extrapolado aos jovens norte-americanos da época em que os dados foram coletados. Enquanto o estudo qualitativo de Sánchez Jankowski (1991) pretende construir as vivências dos membros das gangues, os motivos da adesão e o significado de ser membro destas, assim como compreender as relações entre os atores e seu papel na sociedade. Em outras palavras: entendê-los.

Na quarta parte deste livro, no Capítulo 17, comentamos sobre a visão mista, que implica juntar os dois enfoques em uma mesma pesquisa, o que Hernández Sampieri e Mendonza (2008) chamaram de – metaforicamente falando – “o casamento quantitativo-qualitativo”.

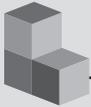


Resumo

- A *pesquisa* é definida como “um conjunto de processos sistemáticos e empíricos aplicado no estudo de um fenômeno”.
- Durante o século XX dois enfoques surgiram para realizar pesquisa: o *enfoque quantitativo* e o *enfoque qualitativo*.
- Em termos gerais, os dois enfoques utilizam processos cuidadosos, sistemáticos e empíricos para gerar conhecimento.
- A definição de pesquisa é válida tanto para o enfoque quantitativo quanto para o qualitativo. Os dois enfoques são um processo que, por sua vez, integra diversos processos. O *enfoque quantitativo* é sequencial e comprobatório. Cada etapa precede à seguinte e não podemos “pular ou evitar” passos, embora seja possível, claro, redefinir alguma fase. O *processo qualitativo* é “em espiral” ou circular, no qual as etapas a serem realizadas interagem entre si e não seguem uma sequência rigorosa.
- No *enfoque quantitativo* as perguntas a serem pesquisadas são específicas e delimitadas desde o início de um estudo. Além disso, as hipóteses são estabelecidas previamente, isto é, antes de coletar e analisar os dados. A coleta dos dados se fundamenta na medição e a análise em procedimentos estatísticos.
- A *pesquisa quantitativa* deve ser a mais “objetiva” possível, evitando a influência das tendências do pesquisador ou de outras pessoas.
- Os estudos quantitativos seguem um padrão previsível e estruturado (o processo).
- Em uma pesquisa quantitativa o que se pretende é generalizar os resultados encontrados em um grupo para uma coletividade maior.
- A meta principal dos estudos quantitativos é a construção e a demonstração de teorias.
- O enfoque quantitativo utiliza a lógica ou raciocínio dedutivo.
- O enfoque qualitativo – às vezes chamado de *pesquisa naturalista*, fenomenológica, interpretativa ou etnográfica – é uma espécie de “guarda-chuva” no qual incluímos uma variedade de concepções, visões, técnicas e estudos não quantitativos. Ele é utilizado, primeiro, para descobrir e aprimorar perguntas de pesquisa.
- Na busca qualitativa, em vez de iniciar com uma teoria específica e depois “voltar” para o mundo empírico para confirmar se a teoria é apoiada pelos fatos, o pesquisador começa examinando o mundo social e, nesse processo, desenvolve uma teoria “consistente” com a qual observa o que acontece.
- Na maioria dos estudos qualitativos as hipóteses não são testadas, são construídas durante o processo e vão sendo aprimoradas conforme mais dados são coletados, ou são um resultado do estudo.
- O enfoque se baseia em métodos de coleta de dados não padronizados. Não se efetua uma medição numérica, portanto, a análise não é estatística. A coleta dos dados consiste em obter as perspectivas e os pontos de vista dos participantes.
- O processo de indagação é flexível e se move entre os eventos e sua interpretação, entre as respostas e o desenvolvimento da teoria. Seu propósito é “reconstruir” a realidade, da mesma forma como ela é observada pelos atores de um sistema social previamente definido. Muitas vezes é chamado de “holístico”, porque é preciso considerar o “todo” sem reduzi-lo ao estudo de suas partes.
- As indagações qualitativas não pretendem generalizar os resultados de maneira probabilística para populações mais amplas.
- O enfoque qualitativo busca principalmente a “dispersão ou expansão” dos dados e informação; enquanto o quantitativo pretende, de maneira intencional, “delimitar” a informação.
- Ambos os enfoques são muito valiosos e contribuíram de maneira notável para o avanço do conhecimento.
- A *pesquisa* quantitativa nos oferece uma grande oportunidade de réplica e um enfoque sobre pontos

específicos dos fenômenos, além de facilitar a comparação entre estudos similares.

- Já a *pesquisa* qualitativa proporciona profundidade aos dados, dispersão, riqueza interpretativa, contextualização do ambiente ou entorno, detalhes e experiências únicas. Também traz um ponto de vista “novo, natural e completo” dos fenômenos, assim como flexibilidade.
- Os métodos quantitativos foram os mais utilizados pelas ciências chamadas exatas ou naturais. Os qualitativos foram empregados mais nas humanas.
- Nos dois processos as técnicas de coleta dos dados podem ser múltiplas.
- Anteriormente, o processo quantitativo era equiparado ao método científico. Hoje, tanto o processo quantitativo quanto o qualitativo são considerados formas de fazer ciência e produzir conhecimento.



Conceitos básicos

Análise dos dados
Coleta dos dados
Dados qualitativos
Dados quantitativos
Enfoque qualitativo
Enfoque quantitativo
Hipóteses
Lógica dedutiva

Lógica indutiva
Padrão cultural
Processo de pesquisa
Processo qualitativo
Processo quantitativo
Realidade
Teoria



Exercícios



1. Revise os resumos de um artigo científico que se refira a um estudo quantitativo e um artigo científico que seja o resultado de um estudo qualitativo, de preferência sobre um tema similar.
2. De acordo com o que você leu neste capítulo, quais seriam as diferenças entre ambos os estudos? Discuta as implicações com seu professor e colegas.
3. No CD anexo você encontrará uma série de revistas científicas com característica quantitativa e qualitativa para escolher os artigos (Material complementar → Apêndices → Apêndice 1. Publicaciones periódicas más importantes).



Os pesquisadores opinam

Ideias sobre o que é pesquisar e como se faz isso

Estou muito grata aos autores por terem me convidado para compartilhar meus pensamentos sobre pesquisa neste livro tão importante. Gostaria de dar algumas ideias sobre o que é pesquisar e como se faz isso. Começarei citando um exemplo que um professor da Universidade de Columbia me mostrou no início de meus estudos.

Você foi convidado para uma festa... Nela você pode conhecer um determinado convidado ou não conhecê-lo. O mesmo acontece com cada um dos convidados. Com base nisso, formulo uma pergunta: em uma festa, qual deve ser o número mínimo de convidados para que seja possível garantir que, diante de qualquer relação existente entre eles (que se conheçam ou que não se conheçam), *sempre* vamos encontrar *ao menos um grupo de três* que se conhecem entre si ou, ainda, um grupo de três que são desconhecidos? A resposta é seis. Em outras palavras, podemos garantir que em uma festa onde há seis convidados, vamos encontrar um grupo de três (desses seis) em que ou três se conhecem entre eles ou, ainda, os três são desconhecidos.

Não importa se você chegou ou não a essa resposta, você pode ter uma ideia do que é a pesquisa. De qualquer modo, eu dou algumas pistas que facilitam chegar ao resultado: imagine que toda pessoa convidada para uma festa é um ponto na superfície de um papel. Dois pontos representam dois convidados; três pontos, três convidados, etc. Então, pegue uma caneta para desenhar dois pontos em um papel em branco, que serão identificados como A e B. Esses dois convidados (A e B) podem se conhecer ou não. Caso eles se conheçam, uma dois pontos com uma linha contínua, caso não, com uma linha descontínua.

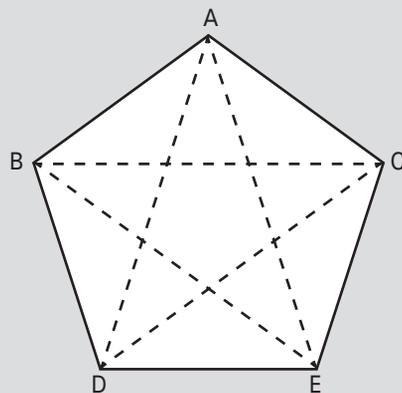
Podemos transferir o dilema da festa para um problema de união de pontos em uma folha com linhas contínuas e descontínuas. Quantos pontos temos de desenhar em uma folha para que, não importando como estejam unidos (com linha contínua ou descontínua), seja possível garantir que sempre vamos encontrar um grupo de três em que, ou todos estão unidos com linhas contínuas ou, ainda, todos com linhas descontínuas? Naturalmente que não será uma festa de três porque, por exemplo, quando A conhece B (linha contínua entre

ambos), mas não conhece C (linha descontínua entre B e C), não será possível encontrar o subgrupo de três em que todos estão unidos com uma linha contínua ou todos unidos com uma linha descontínua. O mesmo acontece em um grupo de quatro. E o mesmo acontece em um grupo de cinco (veja a figura).

Com cinco pontos nós não podemos garantir que *sempre* vamos encontrar um subgrupo de três pessoas em que todos estão unidos por uma linha contínua ou todos por uma linha descontínua, mas caso a situação que observamos na figura aconteça, então não existe um subgrupo de três convidados que estão unidos por uma linha contínua ou por uma descontínua (isto é, que os três se conheçam ou não). Portanto, nós demonstramos que se colocarmos menos de seis pontos em um papel será impossível garantir que diante de qualquer situação (os diferentes convidados se conheçam entre si ou não) seja possível encontrar um subgrupo de três em que todos estão unidos com linhas contínuas ou descontínuas. Então, o que aconteceria com seis? Se desenharmos seis pontos em um papel em branco, podemos garantir que encontraremos sempre um subgrupo de três em que todos estejam unidos com linhas contínuas ou descontínuas? Isso pode ser facilmente visto da seguinte forma: vamos voltar para a festa de cinco e acrescentar mais uma pessoa, F. Agora, independentemente das combinações de linhas (contínuas ou descontínuas) com que unimos F às outras, sempre haverá um subgrupo de três que está unido com linhas contínuas ou descontínuas.

A próxima pergunta é: qual tamanho deverá ter a festa para que possamos garantir que vamos encontrar ao menos um grupo de quatro convidados em que todos se conheçam ou todos sejam desconhecidos? Essa questão foi resolvida há muitos anos pelo famoso matemático Erdős. A resposta é 18 e é complicado chegar a ela. A resposta de Erdős é a mais simples que se conhece (de fato, ele era conhecido por sua devoção à simplicidade em pesquisa, assim como na vida) e exigiu mais de uma dúzia de páginas de testes técnicos matemáticos.

As perguntas anteriores são as primeiras e mais simples do denominado “dilema da festa”. Agora você deve se perguntar qual é a resposta para a terceira questão: qual tamanho deverá ter a festa para que pos-



samos garantir que vamos encontrar diante de qualquer situação (que os convidados se conheçam ou não), *ao menos um grupo de cinco convidados* em que ou todos se conhecem ou todos sejam desconhecidos? Você ficará surpreso se eu disser que até agora ninguém encontrou a resposta para essa pergunta!

Eu suponho que você tentou responder ao menos a primeira pergunta. Portanto, deixe-me perguntar outra coisa: você encontrou alguma forma para chegar à resposta? Lembre-se de que encontrar a resposta para a última pergunta certamente o tornará famoso instantaneamente. Resumidamente, pesquisa não é outra coisa do que encontrar respostas satisfatórias para perguntas. As perguntas não precisam ser tecnicamente complexas, embora possam surgir dificuldades técnicas em alguma das fases do processo. Em vez disso, elas poderiam ser (e, de fato, as melhores são) simples questões do dia a dia. Surpreendentemente, a pesquisa de nível mais elevado, quando apresentada com os termos técnicos de um campo determinado, pode parecer muito teórica e abstrata ou muito distante da realidade. Mas, por incrível que pareça, ela costuma surgir de situações simples da vida real.

Esse tipo de pesquisa descrita anteriormente – que é conhecida como análise de redes – é realizada em laboratórios de pesquisa, e é por isso que eu gostaria de terminar com uma descrição de como funciona esse tipo de laboratório, tendo como base o laboratório de comunicação humana da Universidade de Columbia, onde trabalho parte do ano, e o da Asociación Iberoamericana de la Comunicación, alojada na Universidade de Oviedo, primeiro laboratório de comunicação da Espanha.

Como funciona um laboratório

Primeiro, a ciência não é desenvolvida por uma pessoa, mas sim por um grupo, uma equipe. A comunidade científica nasce de uma investigação extremamente cuidadosa onde se formam pesquisadores. Também é um lugar físico, onde um grupo de pessoas trabalha em equipe. Geralmente, um laboratório consiste em um ou vários pesquisadores principais cuja responsabilidade é conseguir custear o laboratório e supervisionar o trabalho científico. No próximo nível estão os pesquisadores que obtiveram recentemente sua pós-graduação ou estão em processo de obtê-la. Eles terão como responsabilidade gerenciar os experimentos dentro do laboratório. Finalmente, temos os assistentes de pesquisa, geralmente estudantes de graduação ou trabalhadores assalariados que ajudam no trabalho diário dentro do laboratório, como preparar os experimentos, capturar dados e codificar as condutas observadas.

É importante considerar que existem questões éticas envolvidas no estudo do comportamento humano. Quando estudamos comportamento, estudamos pessoas que devem ser tratadas de acordo com os padrões éticos. Devemos tratar as pessoas com *autonomia*, permitindo que elas escolham livremente participar da observação científica; tratá-las com *altruísmo*, isso sig-

nifica que devemos maximizar os benefícios dos participantes e minimizar qualquer possível efeito prejudicial que possa ser produzido no processo, por isso os participantes devem ganhar pelo fato de fazer parte da pesquisa. Esse ganho pode ser educacional, psicológico ou financeiro. Finalmente, devemos tratá-las com *justiça*, todas as pessoas podem se beneficiar igualmente da pesquisa e nenhum grupo específico de pessoas deve correr algum tipo de risco.

Qual o motivo dessas formalidades que, às vezes, podem até ser cansativas? Elas nos permitem criar reiteradamente, de maneira controlada, ambientes onde os participantes ou grupo de participantes possam se envolver em um comportamento específico.

Então, agora só me resta comentar as implicações da pesquisa na sociedade; algo relativamente simples. O conhecimento permite que a sociedade seja mais eficiente e avance. Por isso a pesquisa, com o único propósito de aumentar o conhecimento da sociedade (agora com a era da internet, uma sociedade internacional global) é a base e possivelmente a única força condutora dos seres humanos para uma vida melhor. A continuidade desse processo gradual está garantida, pois como disse o grande filósofo Carl Jaspers, “a resposta para um problema sempre traz novas questões”.

Doutora Laura Galguera
Universidad de Oviedo (Espanha)
Universidad de Columbia (Estados Unidos)

Os estudantes ouvem tanto falar sobre como a pesquisa é difícil e chata que chegam a essa etapa de sua escolaridade com a mente cheia de preconceitos e trabalham sob pressão, com medo e até mesmo ódio em relação a ela.

Antes que se envolvam nas tarefas rotineiras da elaboração de um projeto é preciso fazer com que reflitam sobre sua atitude diante dessa tentativa, para que valorizem a pesquisa em sua justa dimensão, já que a ideia não é levá-los a acreditar que ela é a panaceia que irá solucionar todos os problemas, ou que somente nos países do primeiro mundo é que se tem capacidade para realizá-la.

A pesquisa é mais uma das fontes de conhecimento, portanto, se a decisão foi ampliar suas fronteiras, será indispensável realizá-la com responsabilidade e ética.

Embora a pesquisa quantitativa esteja consolidada como a predominante no horizonte científico internacional, nos últimos cinco anos a pesquisa qualitativa passou a ter maior aceitação; por outro lado, o antigo

debate de oposição entre os dois tipos começa a ser superado.

Outro avanço na pesquisa é a internet; antigamente, a revisão da literatura era longa e entediante, hoje acontece o contrário, o pesquisador pode se dedicar mais à análise da informação em vez de escrever dados em centenas de cartões.

No entanto, ainda existem pesquisadores e docentes que gostam de adotar posturas radicais. Eles se comportam como a “criança do martelo”, que após conhecer essa ferramenta passa a ver tudo que está a sua volta como um prego, sem sequer questionar se o que precisa é de um serrote ou uma chave de fenda.

Carlos G. Alonzo Blanquero
Professor-pesquisador titular
Facultad de Educación
Universidad Autónoma de Yucatán
México, México

NOTAS

1. No CD anexo o leitor encontrará um capítulo sobre os antecedentes da abordagem quantitativa e qualitativa (ver o primeiro capítulo: “Historia de los enfoques cuantitativo, cualitativo y mixto”).
2. Embora no CD se aborde mais detalhadamente esse tema, por ora basta dizer que o enfoque quantitativo nas ciências sociais surge fundamentalmente na obra de Auguste Comte (1709-1857) e Émile Durkheim (1858-1917). Eles sugeriram que o estudo sobre os fenômenos sociais tem de ser “científico”, isto é, suscetível à aplicação do mesmo método que era utilizado com êxito nas ciências naturais. Eles defendiam que todas as “coisas” ou fenômenos estudados pelas ciências eram mensuráveis. Essa corrente é chamada de *positivismo*. O enfoque qualitativo tem sua origem em outro pioneiro das ciências sociais: Max Weber (1864-1920), que introduz o termo *Verstehen* ou “entender”, com o qual reconhece que além da descrição e medição de variáveis sociais, também é preciso considerar os significados subjetivos e a compreensão do contexto em que ocorre o fenômeno. Weber propôs um método híbrido, com ferramentas como os tipos ideais, no qual os estudos não sejam somente de variáveis macrossociais, mas de ocorrências individuais.
3. Não podemos, por exemplo, definir e selecionar a amostra antes de formularmos as hipóteses; também não é possível coletar ou analisar dados se não desenvolvemos previamente o desenho ou definimos a amostra.
4. Claro que sabemos que não existe a objetividade “pura ou completa”.

5. Esse enfoque também ficou conhecido como pesquisa naturalista, fenomenológica, interpretativa ou etnográfica, e é uma espécie de “guarda-chuva” no qual se inclui uma variedade de concepções, visões, técnicas e estudos não quantitativos. De acordo com Grinnell (1997) existem diversos marcos interpretativos, como o interacionismo, a etnometodologia, o construtivismo, o feminismo, a fenomenologia, a psicologia dos constructos pessoais, a teoria crítica, etc., que são incluídos nesse “guarda-chuva para realizar estudos”.
6. Aqui o “todo” é o fenômeno de interesse. Por exemplo, em seu livro *Police Work*, Peter Manning (1997) mergulha por semanas no estudo e na análise do trabalho policial. Seu interesse é compreender as relações e a lealdade que surgem entre pessoas que se dedicam a essa profissão. E ele consegue isso sem “medição” de atitudes, apenas captando o fenômeno próprio da vida na polícia.
7. Vamos utilizar o exemplo de uma câmera fotográfica: no estudo *quantitativo* definimos o que vamos fotografar e tiramos a foto. No *qualitativo* é como se a função “*zoom in*” (aproximação) e “*zoom out*” (distanciamento) fossem constantemente utilizadas para capturar em uma área qualquer a imagem de interesse.
8. Creswell (2009 e 2005), García e Berganza (2005), Mertens (2005), Todd (2005), Unrau, Grinnell e Willians (2005), Corbetta (2003), Sandín (2003), Esterberg (2002), Guba e Lincoln (1994).